

# INTERPRETANDO AS PARÁBOLAS

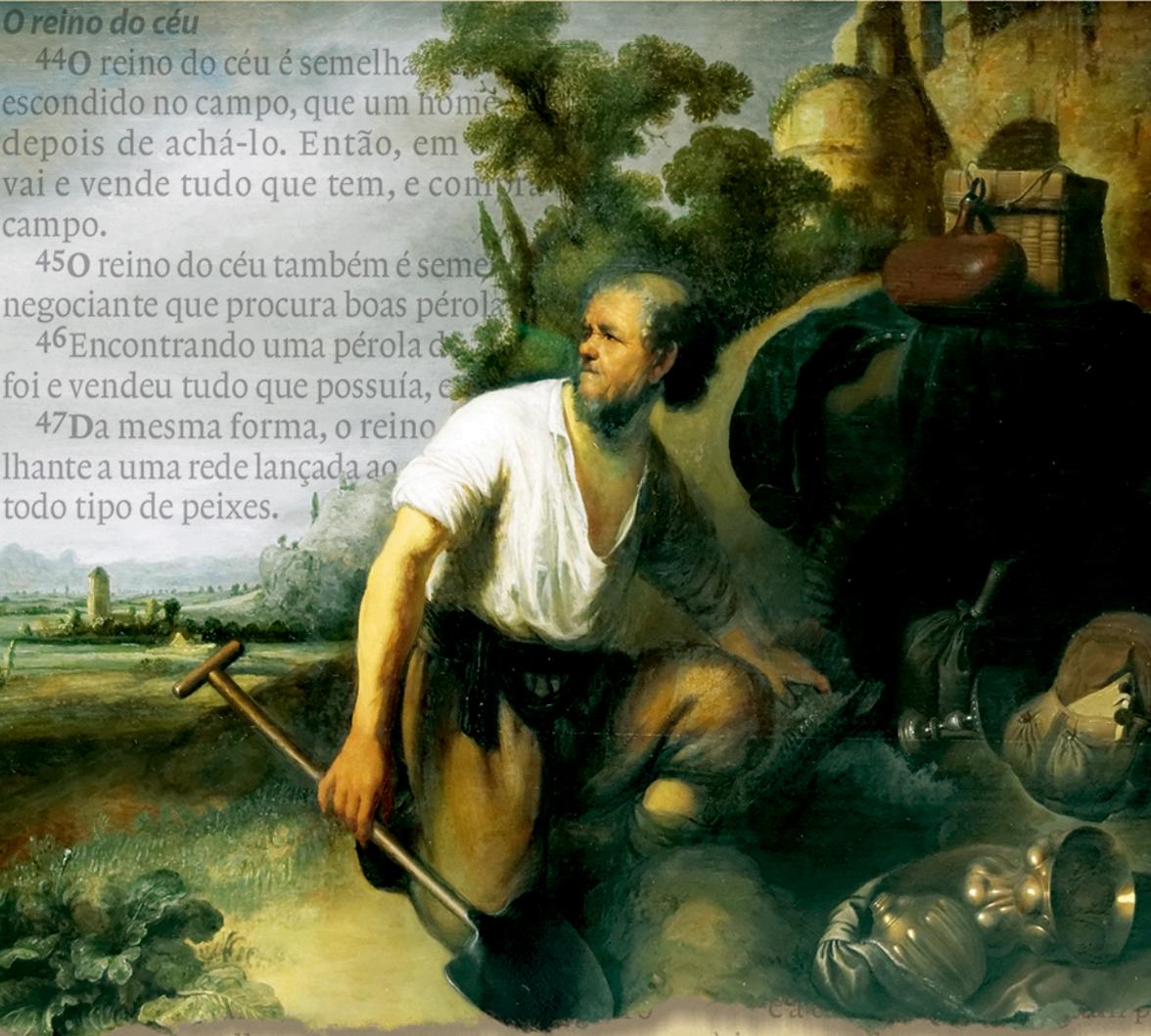
## O reino do céu

44O reino do céu é semelhante a um tesouro escondido no campo, que um homem descobriu depois de achá-lo. Então, em silêncio, ele foi e vende tudo que tem, e comprou aquele campo.

45O reino do céu também é semelhante a um negociante que procura boas pérolas.

46Encontrando uma pérola de valor, ele foi e vendeu tudo que possuía, e comprou aquela pérola.

47Da mesma forma, o reino do céu é semelhante a uma rede lançada ao mar, que reúne todo tipo de peixes.



coisas novas e velhas.

53E, tendo concluído essas parábolas, Jesus se retirou para casa.

**VIDA NOVA**

**CRAIG L. BLOMBERG**

Jesus é rejeitado em Nazaré

Mc 6:1-6; Lc 4:16-20

A primeira multiplicação dos pães

---

# Sumário

<i>Reduções gráficas</i> .....	9
<i>Prefácio</i> .....	13

<b>1 Introdução</b> .....	17
1.1 O consenso acadêmico anterior.....	19
1.2 A considerável posição minoritária.....	24
1.3 Novos desdobramentos .....	26
1.4 O escopo e a estrutura deste livro.....	28

## **Primeira parte**

### *Métodos e controvérsias na interpretação das parábolas*

<b>2 Parábola e alegoria</b> .....	35
2.1 O debate atual: as duas principais abordagens.....	35
2.1.1 Parábola <i>versus</i> alegoria .....	35
2.1.2 Parábola como alegoria.....	43
2.2 Avaliação do debate.....	59
2.2.1 Crítica literária contemporânea.....	62
2.2.2 As parábolas rabínicas .....	73
2.3 Conclusões .....	85
<b>3 A crítica da forma e as parábolas</b> .....	87
3.1 A crítica da forma clássica.....	88
3.1.1 O método.....	88

3.1.2	Avaliação .....	91
3.2	Hipóteses da “tradição guardada” .....	116
3.2.1	Memorização dos ensinamentos de Jesus.....	116
3.2.2	Novos <i>insights</i> sobre folclore oral e memória social .....	119
3.3	Conclusões .....	126
<b>4</b>	<b>A crítica da redação das parábolas</b> .....	<b>127</b>
4.1	Contribuições positivas .....	130
4.1.1	A elucidação de temas peculiares.....	131
4.1.2	A importância dos contextos mais amplos .....	137
4.2	Alegações inválidas.....	145
4.2.1	Paralelos enganosos .....	146
4.2.2	Análise de vocabulário.....	146
4.2.3	A dicotomia teologia-história .....	147
4.2.4	Profecia após o evento .....	147
4.2.5	Caracterização das parábolas em diferentes fontes sinóticas .....	149
4.2.6	Confusão entre estilo literário e redação teológica .....	151
4.2.7	Distorção da teologia de um Evangelista .....	153
4.3	Conclusões .....	157
<b>5</b>	<b>Novos métodos literários e hermenêuticos</b> .....	<b>161</b>
5.1	A nova hermenêutica .....	162
5.1.1	A nova concepção de metáfora.....	164
5.1.2	Uma avaliação da nova concepção de metáfora .....	167
5.2	Estruturalismo.....	175
5.2.1	A ideologia.....	177
5.2.2	O método.....	177
5.2.3	Estruturas de superfície.....	181
5.3	Pós-estruturalismo/pós-modernismo .....	183
5.3.1	Desconstrucionismo.....	184
5.3.2	A crítica da resposta do leitor.....	187
5.4	Outras abordagens literárias.....	193
5.5	Abordagens sociológicas.....	198
5.6	Conclusões .....	202
	Conclusões da primeira parte .....	206

## Segunda parte

### *O sentido e a significação atual de parábolas específicas*

<b>6</b>	<b>Parábolas simples de três ideias</b> .....	211
6.1	O Filho Pródigo (Lc 15.11-32).....	212
6.2	A Ovelha Perdida e a Moeda Perdida (Lc 15.4-10; cf. Mt 18.12-14) ..	227
6.3	Os Dois Devedores (Lc 7.41-43).....	237
6.4	Os Dois Filhos (Mt 21.28-32).....	244
6.5	O Servo Fiel e o Servo Infel (Lc 12.42-48; Mt 24.45-51).....	251
6.6	As Dez Virgens (Mt 25.1-13).....	257
6.7	O Trigo e o Joio (Mt 13.24-30,36-43).....	264
6.8	A Rede de Pesca (Mt 13.47-50).....	270
6.9	O Rico e Lázaro (Lc 16.19-31).....	274
6.10	As Crianças na Praça (Mt 11.16-19; Lc 7.31-35).....	283
6.11	Conclusões .....	288
<b>7</b>	<b>Parábolas complexas de três ideias</b> .....	290
7.1	Os Talentos (Mt 25.14-30; cf. Lc 19.12-27) .....	290
7.2	Os Trabalhadores na Vinha (Mt 20.1-16).....	303
7.3	O Semeador (Mc 4.3-9,13-20 e parals.) .....	311
7.4	O Bom Samaritano (Lc 10.25-37).....	318
7.5	A Grande Ceia (Lc 14.15-24; cf. Mt 22.1-14).....	327
7.6	O Servo Impiedoso (Mt 18.23-35).....	339
7.7	O Administrador Infel (Lc 16.1-13).....	348
7.8	Os Lavradores Maus (Mc 12.1-12 e parals.).....	356
7.9	Conclusões .....	365
<b>8</b>	<b>Parábolas de uma e duas ideias</b> .....	368
8.1	Parábolas de duas ideias .....	368
8.1.1	O Fariseu e o Cobrador de Impostos (Lc 18.9-14).....	368
8.1.2	Os Dois Construtores (Mt 7.24-27; Lc 6.47-49).....	376
8.1.3	O Servo Inútil (Lc 17.7-10).....	381
8.1.4	A Semente que Cresce em Segredo (Mc 4.26-29).....	385
8.1.5	O Rico Insensato (Lc 12.16-21) .....	388
8.1.6	A Figueira Estéril (Lc 13.6-9) .....	393

8.1.7	O Juiz Injusto (Lc 18.1-8) .....	398
8.1.8	O Amigo à Meia-noite (Lc 11.5-8) .....	406
8.1.9	O Chefe de Família e o Ladrão (Mt 24.43,44; Lc 12.39,40) .....	410
8.2	Parábolas de uma ideia .....	412
8.2.1	O Tesouro Escondido e a Pérola de Grande Valor (Mt 13.44-46) .....	413
8.2.2	O Construtor de uma Torre e o Rei que Vai à Guerra (Lc 14.28-33) ..	417
8.2.3	A Semente de Mostarda e o Fermento (Lc 13.18-21 e parals.) .....	423
8.3	Outras passagens .....	429
8.3.1	As Ovelhas e os Bodes (Mt 25.31-46) .....	429
8.3.2	Metáforas mais breves .....	437
8.4	Conclusões .....	440
<b>9</b>	<b>A teologia das parábolas: O reino e o Cristo</b> .....	<b>442</b>
9.1	Classificação .....	442
9.2	Teologia do reino .....	451
9.2.1	Presente <i>versus</i> futuro .....	453
9.2.2	Reinado <i>versus</i> esfera .....	458
9.2.3	Transformação pessoal <i>versus</i> reforma social .....	461
9.2.4	O reino e Israel .....	466
9.3	Cristologia .....	471
9.3.1	Cristologia explícita? .....	472
9.3.2	Cristologia implícita expressa indiretamente? .....	475
9.3.3	Cristologia implícita expressa diretamente .....	479
9.4	Conclusões .....	483
	Conclusões da segunda parte .....	485
	<i>Índice de autores</i> .....	489
	<i>Índice de passagens bíblicas</i> .....	501

---

## Reduções gráficas

<i>AJT</i>	<i>Asia Journal of Theology</i>
<i>ASTI</i>	<i>Annual of the Swedish Theological Institute</i>
<i>ATR</i>	<i>Anglican Theological Review</i>
<i>BBR</i>	<i>Bulletin for Biblical Research</i>
<i>BI</i>	<i>Biblical Interpretation</i>
<i>Bib</i>	<i>Biblica</i>
<i>BibNotiz</i>	<i>Biblische Notizen</i>
<i>BJRL</i>	<i>Bulletin of the John Rylands Library of the University of Manchester</i>
<i>BK</i>	<i>Bibel und Kirche</i>
<i>BR</i>	<i>Biblical Research</i>
<i>BSac</i>	<i>Bibliotheca Sacra</i>
<i>BT</i>	<i>Bible Translator</i>
<i>BTB</i>	<i>Biblical Theology Bulletin</i>
<i>BZ</i>	<i>Biblische Zeitschrift</i>
<i>CBQ</i>	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
<i>CBR</i>	<i>Currents in Biblical Research</i>
<i>ChQ</i>	<i>Church Quarterly</i>
<i>CQ</i>	<i>Critical Quarterly</i>
<i>CSR</i>	<i>Christian Scholars' Review</i>
<i>CTM</i>	<i>Concordia Theological Monthly</i>
<i>CTQ</i>	<i>Concordia Theological Quarterly</i>
<i>CTR</i>	<i>Criswell Theological Review</i>
<i>DSD</i>	<i>Dead Sea Discoveries</i>
<i>EQ</i>	<i>Evangelical Quarterly</i>

<i>EstBib</i>	<i>Estudios bíblicos</i>
<i>ETL</i>	<i>Ephemerides theologicae lovanienses</i>
<i>ETR</i>	<i>Études théologiques et religieuses</i>
<i>EvTh</i>	<i>Evangelische Theologie</i>
<i>ExpT</i>	<i>Expository Times</i>
<i>Greg</i>	<i>Gregorianum</i>
<i>HBT</i>	<i>Horizons in Biblical Theology</i>
<i>HeyJ</i>	<i>Heythrop Journal</i>
<i>HTR</i>	<i>Harvard Theological Review</i>
<i>HTS</i>	<i>Hervormde Theologiese Studies</i>
<i>IBS</i>	<i>Irish Biblical Studies</i>
<i>Int</i>	<i>Interpretation</i>
<i>JAAR</i>	<i>Journal of the American Academy of Religion</i>
<i>JAC</i>	<i>Jahrbuch für Antike und Christentum</i>
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JETS</i>	<i>Journal of the Evangelical Theological Society</i>
<i>JJS</i>	<i>Journal of Jewish Studies</i>
<i>JPT</i>	<i>Journal of Pentecostal Theology</i>
<i>JR</i>	<i>Journal of Religion</i>
<i>JSHJ</i>	<i>Journal for the Study of the Historical Jesus</i>
<i>JSJ</i>	<i>Journal for the Study of Judaism</i>
<i>JSNT</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament</i>
<i>JSP</i>	<i>Journal for the Study of the Pseudepigrapha</i>
<i>JTI</i>	<i>Journal of Theological Interpretation</i>
<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies</i>
<i>LingBib</i>	<i>Linguistica Biblica</i>
<i>ModTheol</i>	<i>Modern Theology</i>
<i>Neot</i>	<i>Neotestamentica</i>
<i>NovT</i>	<i>Novum Testamentum</i>
<i>NRT</i>	<i>Nouvelle revue the theologique</i>
<i>NTS</i>	<i>New Testament Studies</i>
<i>PRS</i>	<i>Perspectives in Religious Studies</i>
<i>RB</i>	<i>Revue biblique</i>
<i>RelStud</i>	<i>Religious Studies</i>
<i>RestQ</i>	<i>Restoration Quarterly</i>
<i>RevExp</i>	<i>Review and Expositor</i>

<i>RevQ</i>	<i>Revue de Qumran</i>
<i>RHPR</i>	<i>Revue d'histoire et de philosophie religieuses</i>
<i>RSPT</i>	<i>Revue de sciences philosophiques et théologiques</i>
<i>RSR</i>	<i>Recherches de science religieuse</i>
<i>SBET</i>	<i>Scottish Bulletin of Evangelical Theology</i>
<i>SBFLA</i>	<i>Studii Biblici Franciscani Liber Annuus</i>
<i>SCJ</i>	<i>Stone-Campbell Journal</i>
<i>SEÅ</i>	<i>Svensk Exegetisk Årsbok</i>
<i>SJT</i>	<i>Scottish Journal of Theology</i>
<i>SNTU</i>	<i>Studien zum Neuen Testament und seiner Umwelt</i>
<i>SR</i>	<i>Studies in Religion</i>
<i>ST</i>	<i>Studia Theologica</i>
<i>STJ</i>	<i>Stulos Theological Journal</i>
<i>STK</i>	<i>Svensk Teologisk Kvartalskrift</i>
<i>SVTQ</i>	<i>Saint Vladimir's Theological Quarterly</i>
<i>Theol</i>	<i>Theology</i>
<i>TheolBeitr</i>	<i>Theologische Beiträge</i>
<i>ThRu</i>	<i>Theologische Rundschau</i>
<i>TJT</i>	<i>Toronto Journal of Theology</i>
<i>TLZ</i>	<i>Theologische Literaturzeitung</i>
<i>TrinJ</i>	<i>Trinity Journal</i>
<i>TS</i>	<i>Theological Studies</i>
<i>TToday</i>	<i>Theology Today</i>
<i>TU</i>	<i>Texte und Untersuchungen</i>
<i>TynB</i>	<i>Tyndale Bulletin</i>
<i>TZ</i>	<i>Theologische Zeitschrift</i>
<i>USQR</i>	<i>Union Seminary Quarterly Review</i>
<i>VoxEvang</i>	<i>Vox Evangelica</i>
<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal</i>
<i>ZNW</i>	<i>Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft</i>
<i>ZTK</i>	<i>Zeitschrift für Theologie und Kirche</i>

---

## Prefácio

Quando a editora InterVarsity, tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, gentilmente publicou este livro em 1990, jamais imaginei que ele continuaria sendo impresso por vinte e dois anos. Grande parte da pesquisa para o livro foi realizada enquanto eu estava redigindo minha tese de doutorado sobre a história da tradição das parábolas na seção central do Evangelho de Lucas.<sup>1</sup> Muitos outros estudos foram realizados para escrever este livro sobre as parábolas em todos os três Evangelhos Sinóticos e para reestruturar meu trabalho em um formato que eu esperava ter a máxima utilidade como livro-texto sobre o assunto para estudantes de terceiro e quarto anos de faculdades cristãs, bem como para alunos de seminários teológicos no início de seus estudos (ou estudantes calouros de faculdades de teologia, como diriam os moradores da antiga Comunidade Britânica de Nações).

Eu também tinha a expectativa de que o livro tivesse algo a oferecer a quase todos os leitores diligentes. As notas de rodapé interagem com uma quantidade considerável de estudos recentes sobre as parábolas, em especial estudos feitos na América do Norte e na Europa, mas ocasionalmente também em outros lugares, e, dessa maneira, indicam para outros pesquisadores a literatura secundária mais importante com a qual deveriam interagir. Contudo, o propósito é que o texto seja lido com proveito não apenas por estudiosos e estudantes de teologia, mas também, de modo geral, por pastores, estudantes de outras disciplinas acadêmicas e leigos com bom conhecimento. A segunda parte apresenta de forma mais sucinta

---

<sup>1</sup>Craig L. Blomberg, “The tradition history of the parables peculiar to Luke’s central section”, tese de doutorado (Aberdeen, 1982).

minhas conclusões a respeito das principais lições de cada uma das parábolas; *os leitores que desejarem evitar os detalhes teóricos da primeira parte podem escolher passar imediatamente para a segunda metade do livro*. No entanto, como minhas interpretações se baseiam em uma “posição minoritária” sobre a interpretação das parábolas (embora — tenho a alegria de constatar — seja uma minoria que tem crescido consideravelmente nas últimas duas décadas), dediquei bastante tempo e espaço, na primeira metade do livro, justificando meu método. Consequentemente, o formato de minha obra se assemelha bastante ao do famoso estudo das parábolas escrito por Joachim Jeremias,<sup>2</sup> embora eu não tenha a pretensão de ter escrito o clássico que ele escreveu.

Ainda há amplo interesse nas parábolas em todos os aspectos, de modo que a enxurrada de literatura secundária que apareceu desde a primeira edição deste livro pode parecer avassaladora. Surgiram novas abordagens que exigem avaliação, ao passo que houve uma redução considerável do uso de alguns dos métodos populares de 25 anos atrás. O resultado é uma edição substancialmente nova e ampliada que segue estrutura idêntica à da edição anterior, mas com omissões e reformulações ocasionais e com muitos acréscimos. Aliás, esta edição geral é cerca de 30% maior que a anterior, e somente poucas das notas de rodapé originais não foram revisadas. Ainda assim, como livro introdutório, ele continua visivelmente mais breve e mais fácil de manejar do que seu principal concorrente evangélico de publicação recente, o volumoso e admirável *Stories with intent: a comprehensive guide to the parables of Jesus* [Histórias com propósito: um guia abrangente das parábolas de Jesus], de Klyne R. Snodgrass.<sup>3</sup> Quando ouvi, pela primeira vez, falar do projeto de Snodgrass, presumi que substituiria meu livro; quando vi o resultado final, percebi que havíamos escrito para dois públicos e propósitos diferentes e que ainda havia necessidade de uma edição atualizada da obra que eu tinha escrito. Contudo, leitores cuidadosos notarão que muitas vezes pesquisei o estudo de Snodgrass em busca de algumas de suas melhores pepitas.

---

<sup>2</sup>Joachim Jeremias, *The parables of Jesus*, tradução do alemão para o inglês de S. H. Hooke, 3. ed. (1947; London: SCM; Philadelphia: Westminster, 1972) [edição em português: *As parábolas de Jesus*, 5. ed., tradução de João Rezende Costa, Nova Coleção Bíblica (São Paulo: Paulus, 1986)].

<sup>3</sup>Klyne R. Snodgrass, *Stories with intent* (Grand Rapids e Cambridge: Eerdmans, 2008) [edição em português: *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*, tradução de Marcelo S. Gonçalves (Rio de Janeiro: CPAD, 2014)].

Oito diferentes pessoas leram e comentaram o manuscrito todo de minha primeira edição antes do texto final, fazendo-lhe muitas contribuições úteis. Esses, a quem expressei meus sinceros agradecimentos em meu prefácio original, foram o dr. David Wenham, o prof. I. Howard Marshall, o dr. Robert H. Stein, o dr. John W. Sider, o dr. Stanley E. Porter, o sr. James Hoover, a sra. (agora dra.) Alice Mathews e minha esposa, Fran, que me ajudou de inúmeras outras maneiras em cada etapa do projeto original. Outras pessoas que leram e avaliaram trechos consideráveis do livro em várias de suas etapas foram a dra. Mary Ann Beavis, o dr. Kevin J. Vanhoozer, a dra. Elsie Holmes, o sr. Paul Franklin e o sr. (agora dr.) Dennis Stamps. Continuo extremamente grato a todas essas pessoas.

Desde sua publicação, várias turmas de alunos que estudaram as parábolas de Jesus no Seminário de Denver leram meu livro e interagiram com ele. Perguntas e comentários dos alunos levaram a uma variedade de revisões, algumas conscientes e outras, sem dúvida, inconscientes. Também tive o privilégio de ministrar essa disciplina e usar o livro em cursos no Montana Bible College, em Bozeman, estado de Montana, Estados Unidos; nas Associated Canadian Theological Schools, em Langley, província de British Columbia, Canadá; no Seminário Bíblico Centroamericano, na Cidade de Guatemala; na Wiedenest Bibelschule, em Wiedenest, Alemanha; no Irish Bible Institute, em Dublin, República da Irlanda; no Bible College of New Zealand (agora Laidlaw College), em Auckland, Nova Zelândia; no Morling College, em Sydney, Austrália. Agradeço o *feedback* dos alunos em todos esses ambientes, o que — creio eu — só contribuiu para melhorar esta nova edição.

Vários de meus assistentes de pesquisa recentes merecem agradecimentos efusivos por sua ajuda na preparação desta obra atualizada e ampliada: Jonathan Waits, Erin Swanstrom, Meggan Knox e Clint Wilson. Jonathan fez uma pesquisa bibliográfica considerável, identificando livros e artigos que eram de leitura obrigatória para mim, resumindo outros dos quais eu precisava ter ciência e descartando alguns por não serem suficientemente relevantes para o meu propósito. Erin e Meggan escreveram numerosos resumos de artigos úteis, enquanto Clint examinou exaustivamente toda a segunda metade do livro, comparando-a com vários comentários recentes e importantes sobre cada um dos Sinóticos, e fez várias sugestões excelentes sobre material adicional que eu deveria incluir ou abordar. Embora não tenha sido escrito em forma de comentário, tento abordar, nas abordagens ampliadas de cada parábola individual neste livro, a maioria

das “grandes” questões que leitores medianos das parábolas talvez levantem ou apresentem, incluindo uma série de questões absolutamente não abordadas na primeira edição. Também incluo uma variedade de sugestões para a aplicação contemporânea das parábolas, um elemento quase totalmente ausente em minhas prioridades anteriores.

Quando apareceu em 1990, *Interpretando as parábolas* foi meu segundo livro publicado. Tendo dedicado meu primeiro livro à minha esposa, pareceu-me apropriado dedicar o segundo a meus pais, John e Eleanor Blomberg, os quais ainda residiam na casa em que cresci, em Rock Island, estado de Illinois. Eles sempre acompanharam com muito interesse a minha carreira acadêmica e a apoiaram fielmente, em especial financeiramente (!), sendo pais maravilhosos e amorosos em aspectos mais gerais. Depois da primeira edição, meu pai foi para o lar celeste para estar com o Senhor, enquanto minha mãe, cristã e professora durante toda a vida, mas sem treinamento teológico formal, ainda mora na casa de minha infância. A frase que grifei no segundo parágrafo deste prefácio é confirmada pela reação de minha mãe à primeira edição: “Li tudo. A primeira parte foi um pouco difícil em alguns trechos, mas a segunda parte foi ótima!”. Por isso, continuo a dedicar este livro a ela e à memória de meu pai.

---

## Introdução

Os livros sobre as parábolas de Jesus são de muitos tipos. Alguns refletem a explicação e a pregação populares, outros são usados como livros-texto em cursos de faculdade ou seminário, e ainda outros são estudos acadêmicos escritos principalmente para outros estudiosos. No último século, mais estudos das parábolas foram produzidos do que de qualquer outra seção de extensão comparável na Bíblia.<sup>1</sup> Portanto, um novo livro como este precisa justificar, com certo detalhamento, a sua existência. Há pelo menos dois principais motivos para este livro. O primeiro pode ser explicado de forma bastante simples; o segundo exigirá um aprofundamento.

O motivo mais simples é que sempre que uma área de pesquisa gera um número tão grande de estudos como aconteceu com as parábolas, é improvável que a maioria dos leitores da Bíblia conheça a maioria deles e, muito menos, entenda as contribuições e importância de cada um. Das três categorias de livros sobre parábolas que acabei de alistar, a que existe em número mais reduzido é a das obras que podem servir bem de livros-texto. Duas obras notáveis lançadas na última década são abrangentes o suficiente para cobrir quase tudo que deve ser examinado, mas uma delas é, provavelmente, avançada demais para a maioria dos alunos de graduação de cursos não teológicos, e a outra é abrangente demais para

---

<sup>1</sup>Para alguns panoramas sobre essas obras, veja Warren S. Kissinger, *The parables of Jesus: a history of interpretation and bibliography* (Metuchen; London: Scarecrow, 1979), p. 231-415; David B. Gowler, *What are they saying about the parables?* (New York: Paulist, 2000); e Charles W. Hedrick, "Parable", in: *The new interpreter's dictionary of the Bible*, organização de Katharine Doob Sakenfeld (Nashville: Abingdon, 2009), 4:368-77.

a maioria dos estudantes de teologia.<sup>2</sup> Outras obras têm bom nível e extensão, mas estudam apenas algumas parábolas representativas em vez de tentar dizer um pouco sobre todas elas.<sup>3</sup> Este livro traz, portanto, um levantamento do que há de mais recente em estudos das parábolas e o apresenta em um formato que visa ser útil como meio de atualização de pastores e estudiosos, um livro-texto básico para alunos de faculdades e seminários teológicos, e como introdução ao assunto para o leigo disposto a se dedicar, com alguma profundidade, a questões acadêmicas.

Contudo, este livro também defende uma tese. Esta é a segunda razão para sua publicação: há bons motivos para acreditar que, de maneiras importantes, as abordagens que predominaram no século 20 quanto à interpretação das parábolas foram equivocadas e precisam ser repensadas. Essa é uma afirmação ousada, mas repetida em um número cada vez maior de estudos das parábolas. Existem algumas semelhanças entre as alternativas apresentadas nesses estudos, mas praticamente não há consenso algum. Além disso, a classe acadêmica de estudiosos da Bíblia se tornou tão grande e diversificada que é totalmente possível — e na mente de algumas pessoas é aceitável — escrever simplesmente defendendo uma tradição teológica ou ideológica e não ter nenhuma preocupação em tomar conhecimento de outros importantes grupos da pesquisa acadêmica. Ou pelo menos parece que vários estudiosos continuam sem demonstrar conhecimento algum, muito menos interação, de ideias que divirjam bastante das suas.<sup>4</sup> Portanto, este

---

<sup>2</sup>Veja, respectivamente, Arland J. Hultgren, *The parables of Jesus: a commentary* (Grand Rapids e Cambridge: Eerdmans, 2000); e Klyne R. Snodgrass, *Stories with intent* (Grand Rapids e Cambridge: Eerdmans, 2008) [edição em português: *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*, tradução de Marcelo S. Gonçalves (Rio de Janeiro: CPAD, 2014)].

<sup>3</sup>Especialmente úteis são os textos de Kenneth E. Bailey, *Poet and peasant: a literary-cultural approach to the parables in Luke* (Grand Rapids: Eerdmans, 1976) [edição em português: *A poesia e o camponês: uma análise literária-cultural das parábolas em Lucas*, tradução de Adiel Almeida de Oliveira (São Paulo: Vida Nova, 1985)]; idem, *Through peasant eyes: more Lucan parables* (Grand Rapids: Eerdmans, 1980); Robert H. Stein, *An introduction to the parables of Jesus* (Philadelphia: Westminster, 1981; Exeter: Paternoster, 1982); John W. Sider, *Interpreting the parables: a hermeneutical guide to their meaning* (Grand Rapids: Zondervan, 1995); Brad H. Young, *The parables: Jewish tradition and Christian interpretation* (Peabody: Hendrickson, 1998); e Richard N. Longenecker, org., *The challenge of Jesus' parables* (Grand Rapids e Cambridge: Eerdmans, 2000).

<sup>4</sup>Os mais claros e extensos exemplos de estudos renomados e recentes são as publicações do *Jesus Seminar*. Aliás, seus “membros” incluíram parábolas como uma parte desproporcionalmente grande dos 18% dos ensinamentos de Jesus nos Quatro Evangelhos canônicos e no Evangelho copta de Tomé, considerados autênticos no todo ou na sua maior parte pelo *Jesus Seminar*, mas apenas por pressuporem que o material genuíno de Jesus tem de ser removível de seu contexto nos Evangelhos

livro espera oferecer uma nova contribuição para a interpretação das parábolas, bem como apresentar um panorama do cenário acadêmico contemporâneo.

## 1.1 O consenso acadêmico anterior

Como a maioria dos estudiosos abordou a exegese das parábolas de Jesus durante os primeiros 75 anos do século 20?<sup>5</sup> É provável que o típico livro didático de introdução ao Novo Testamento ou de hermenêutica tivesse muitas das afirmações a seguir, ou mesmo todas elas, as quais ainda podem ser encontradas mesmo em seus correspondentes mais recentes.<sup>6</sup>

1. *Ao longo da história da igreja, a maioria dos cristãos interpretou as parábolas como alegoria.* Ou seja, os intérpretes presumiram que muitas das diferentes personagens ou dos objetos nas parábolas representavam algo diferente das próprias personagens ou objetos — eram correspondentes espirituais que permitiam que a história fosse lida em dois níveis. Uma parábola não era apenas uma história sobre uma atividade humana, mas também uma narrativa da “realidade celeste”.

Usando como exemplo aquela que é talvez a parábola mais famosa, a História do Filho Pródigo (Lc 15.11-32) era vista não apenas como um drama tocante do perdão notável de um pai judeu a seu filho rebelde. Em vez disso, presumia-se que era possível estabelecer uma série de correspondências específicas, de modo que o pai representava Deus, o príodigo representava qualquer pecador em fuga de Deus e o irmão mais velho representava o fariseu de coração endurecido. Em geral, o número de correspondências era expandido. O anel que o pai deu ao filho pródigo podia representar o batismo cristão, e o banquete poderia facilmente ser

---

e de que Jesus foi um “sábio lacônico” que nunca falou longamente sobre si mesmo, sobre o futuro ou em forma de diálogo ou de debate. Veja Robert W. Funk; Roy W. Hoover; Jesus Seminar, *The five Gospels: the search for the authentic words of Jesus* (New York e Oxford: Macmillan, 1993), esp. p. 32-4.

<sup>5</sup>O resumo mais claro da abordagem que dominou esse período, com considerável debate sobre cada parábola importante, é Herman Hendrickx, *The parables of Jesus* (London: Geoffrey Chapman; San Francisco: Harper & Row, 1986).

<sup>6</sup>Cf., e.g., Gordon D. Fee; Douglas Stuart, *How to read the Bible for all its worth*, 3. ed. (Grand Rapids: Zondervan, 2003), p. 149-62 [edição em português: *Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*, 3. ed. rev. ampl., tradução de Gordon Chown; Jonas Madureira (São Paulo: Vida Nova, 2011)]; W. Randolph Tate, *Biblical interpretation: an integrated approach*, ed. rev. (Peabody: Hendrickson, 1997), p. 127-8; Frederick J. Murphy, *An introduction to Jesus and the Gospels* (Nashville: Abingdon, 2005), p. 23-7.

associado à ceia do Senhor.<sup>7</sup> A túnica que o filho recém retornado vestiu podia refletir a imortalidade; e os calçados, a preparação de Deus para a viagem ao céu.<sup>8</sup> Um a um, quase todos os detalhes eram explicados, e a significação espiritual da história era estabelecida.

2. *Estudos acadêmicos recentes têm acertadamente rejeitado a interpretação alegórica, preferindo a isso uma abordagem que permite a cada parábola ensinar apenas uma ideia principal.* Ao longo dos séculos, a natureza artificial e arbitrária do tipo pormenorizado de alegorização ilustrada anteriormente foi se tornando cada vez mais clara. Uma comparação cuidadosa de expositores mais antigos mostra que, com frequência, eles não concordavam com o que cada detalhe de uma parábola específica representava. Voltando ao exemplo da túnica do filho pródigo, interpretava-se que, além da imortalidade, ela representava a impecabilidade, o Espírito Santo, o batismo, a sabedoria, o amor, os dons espirituais, a imputação da justiça de Cristo ou a santidade da alma.<sup>9</sup>

Defensores dessas diferentes interpretações reconheciam todos eles que o pai deu a túnica ao filho pródigo para indicar a restauração do filho à família. Mas era impossível concordar sobre que aspecto específico do relacionamento do novo cristão com seu Pai celeste seria representado por aquela túnica. Presumivelmente, a lição a ser aprendida era que a capa não deveria ser alegorizada. Aliás, com frequência considera-se inapropriado até mesmo ver o pai como alguém que representa diretamente Deus. Afinal, parece que, na parábola, o próprio Deus é mencionado como uma personagem à parte, ainda que indiretamente, quando o filho pródigo fala de pecar contra seu pai *e contra o céu* (Lc 15.18,21). Portanto, em vez de alegorizar detalhes específicos, é necessário procurar sintetizar a mensagem da história com um tema abrangente; por exemplo, “a alegria sem limites do perdão de Deus”.<sup>10</sup>

<sup>7</sup>Tertuliano, *Sobre a modéstia* 9.

<sup>8</sup>Clemente de Alexandria, *Fragmentos* (de Macário Crisocéfalo) 11.

<sup>9</sup>Para as cinco primeiras opções, veja Stephen L. Wailes, *Medieval allegories of Jesus' parables* (Berkeley e London: University of California Press, 1987), p. 238-45; para a sexta, John Calvin [João Calvino], *A harmony of the Gospels Matthew, Mark and Luke*, organização de David W. Torrance; Thomas F. Torrance (Edinburgh: St. Andrew; Grand Rapids: Eerdmans, 1972), 2:224; e para as duas últimas, Richard C. Trench, *Notes on the parables of our Lord* (London: Macmillan, 1870; New York: Appleton, 1873), p. 406.

<sup>10</sup>Adolf Jülicher, *Die Gleichnisreden Jesu* (1899; Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963), 2:362. Para uma clara e recente reafirmação da ideia de que cada parábola tem apenas uma ideia, veja Russell Morton, “Parable and proverb”, in: *Encyclopedia of the historical Jesus*, organização de Craig A. Evans (New York e London: Routledge, 2008), p. 438.

3. *Ainda assim, as parábolas, conforme aparecem nos Evangelhos, têm alguns elementos inegavelmente alegóricos, mas esses são a exceção, não a regra.* Um exemplo frequentemente citado é a narrativa dos Lavradores Maus (Mc 12.1-12 e parals.<sup>11</sup>). O enredo, em que os lavradores que haviam arrendado as terras espancam e matam os servos do proprietário e, finalmente, matam seu filho na esperança de conseguirem o controle total da vinha, se assemelha tanto à história do antagonismo dos líderes de Israel contra os profetas de Deus e, finalmente, contra Cristo, que a maioria dos comentaristas reconhece que, tal como está, a parábola é alegórica. Mas, por esse motivo, muitos estudiosos negam que Jesus chegou a contar essa parábola específica ou, ao menos, em sua forma atual.<sup>12</sup> A suposição ainda é que parábola e alegoria são gêneros linguísticos notavelmente diferentes, e a alegoria é geralmente considerada esteticamente inferior. Portanto, na condição de especialista em contar parábolas, Jesus não precisava de alegorias. Hoje em dia, muitos estudiosos estão mais prontos a admitir que a dicotomia não é tão grande e que Jesus pode, esporadicamente, ter usado alegoria. Mas a parábola alegórica ainda continua sendo a exceção, não a norma, e quaisquer elementos alegóricos que apareçam em outras parábolas são periféricos, não centrais à sua natureza.<sup>13</sup>

O problema com tudo o que foi resumido até aqui se torna bem mais claro quando examinamos as duas únicas parábolas para as quais o próprio Jesus forneceu uma interpretação detalhada — a Parábola do Semeador (Mc 4.3-9,13-20 e parals.) e a do Trigo e do Joio (Mt 13.24-30,36-43). Em cada uma dessas interpretações, quase todos os principais detalhes das parábolas são explicados por meio de uma série de correspondências específicas. A semente é a Palavra de Deus, os quatro solos são quatro tipos de pessoas, as aves representam Satanás, os espinhos representam os cuidados desta vida, e assim por diante. Mas isso se

<sup>11</sup>A abreviatura “paral(s).” será usada para “paralelo(s)”.

<sup>12</sup>Veja esp. em John S. Kloppenborg, *The Tenants in the Vineyard: ideology, economics, and agrarian conflict in Jewish Palestine* (Tübingen: Mohr Siebeck, 2006), p. 50-70, o levantamento de estudos que seguem essa linha de interpretação, incluindo seu próprio estudo. Veja tb. a distinção detalhada entre tradição e redação em Alexander Weihs, *Jesus und das Schicksal der Propheten* (Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2003), p. 69-81.

<sup>13</sup>Por exemplo, Gary M. Burge; Lynn H. Cohick; Gene L. Green, *The New Testament in antiquity: a survey of the New Testament within its cultural contexts* (Grand Rapids: Zondervan, 2009), p. 152-5; Robert H. Stein, “The genre of the parables”, in: *The challenge of Jesus’ parables*, organização de Richard N. Longenecker (Grand Rapids e Cambridge: Eerdmans, 2000), p. 46-7; e Robert D. Culver, “Rhetorical allegories among the parables?”, in: *New Testament essays in honor of Homer A. Kent, Jr.*, organização de Gary T. Meadors (Winona Lake: BMH, 1991), p. 103-24.